



O PIBID NA QUALIFICAÇÃO DA ATUAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO ATÍPICA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vitória Podolan Soczki ¹
Ellen Correa dos Santos ²
Marcio Cristiano Dura Cavagnari ³
Lia Maris Orth Ritter Antikeira ⁴

RESUMO

O PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – costuma ser um dos primeiros contatos dos alunos de licenciatura com a realidade dos colégios públicos brasileiros, contribuindo para a formação docente, pois proporciona vivências práticas que complementam os conteúdos teóricos da graduação. Dentre essas experiências, destaca-se o contato com estudantes com necessidades especiais, situação em que apenas a teoria não é suficiente para preparar o futuro docente. A interação e o conhecimento de cada caso são necessários para atuar de maneira significativa na vida desses estudantes, promovendo o desenvolvimento de cada um. O presente trabalho objetiva relatar a experiência de duas licenciandas de Ciências Biológicas, bolsistas do PIBID, inseridas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, a qual apresenta um número expressivo de estudantes com necessidades especiais. Ainda, analisa como o professor regente lida com a situação, considerando que somente dois alunos possuem professoras de Atendimento de Educação Especializado (AEE). Ao longo do período de atuação do PIBID, foram observados quais eram os estudantes sem o suporte adicional, e, gradualmente, foi-se percebendo quais atividades seriam adequadas para seus desenvolvimentos individuais, sendo preciso a flexibilização dos conteúdos, garantindo a participação de maneira mais significativa. Ao decorrer destas observações e reflexões foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo, ancorada a visões significativas que abordam a educação inclusiva como a de Maria Teresa Eglér Mantoan. Nesse contexto, evidenciou-se alguns desafios, com destaque a presença de alunos não alfabetizados, que demandam maior atenção e acompanhamento, mas que, lentamente e com auxílio, conseguem realizar certas atividades. Trata-se de uma experiência que agregou muito à formação das pibidianas e que trouxe importantes reflexões para compartilhamento.

Palavras-chave: PIBID, Formação docente, Educação inclusiva, Vivência escolar.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná–PR, vitoriapodolansoczki@alunos.utfpr.edu.br;

2 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná–PR, ellencorrea@alunos.utfpr.edu.br;

3 Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Ponta Grossa–PR, marciocavagnari@gmail.com;

4 Docente, Orientadora. Departamento Acadêmico de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, campus Ponta Grossa, liaantiqueira@utfpr.edu.br.





INTRODUÇÃO

O período do primeiro contato com a docência é uma etapa de grande valor na formação dos futuros professores, ao representar uma das etapas mais significativas da sua trajetória formativa, por ser neste momento em que ocorre a construção da sua identidade profissional que se consolida o compromisso com o ensino.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), coordenado pela CAPES, constitui uma das principais políticas públicas de incentivo à valorização da formação docente, aproximando Instituições de Ensino Superior (IES) do cotidiano das escolas de educação básica, a fim de proporcionar experiências mais próximas da realidade de atuação na docência. Essa inserção no cotidiano escolar contribui para a compreensão dos desafios do sistema educacional público brasileiro, processo este que é efetivo durante a formação e na construção de uma educação que promova a equidade. O desenvolvimento de uma didática inclusiva exige que o professor desenvolva competências que se relacionem com teoria e prática, superando modelos tradicionais e garantindo o direito à aprendizagem para todos os alunos (Castro; Sousa, 2018).

A temática da educação inclusiva, foco central deste relato, é sustentada por importantes marcos legais, entre os quais a Lei Brasileira de Inclusão (Lei n.º 13.146/2015), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Esses documentos orientam o trabalho pedagógico voltado ao que diz sobre inclusão, enfatizando o direito de todos à educação e à convivência escolar. Segundo Mantoan (2022), Glat (2021) e Carvalho (2004), a inclusão escolar não deve ser compreendida apenas como um processo de inserção física de alunos com deficiência em salas de aula regulares, mas como uma transformação profunda na cultura escolar, que envolve a reestruturação curricular, metodológica e atitudinal. Essa mudança pressupõe que o professor reconheça o potencial de cada estudante e adote práticas pedagógicas que valorizem suas singularidades.

Além dos aspectos legais, ao tratar da inclusão, Paulo Freire (1996) destaca que ela está intrinsecamente ligada à ética do ato de ensinar, destacando que o respeito é uma parte indispensável para que se tenha uma educação democrática. Então, como educador, se torna nosso dever promover esse cenário de respeito, solidariedade e equidade em conjunto à





instituição escolar. Dessa forma, a atuação docente em turmas marcadas pela diversidade, composta por alunos que podem ou não apresentar algum distúrbio de aprendizagem, deixa de ser um desafio técnico e passa a ser um compromisso ético.

Nesse cenário, o presente trabalho visa relatar e refletir a experiência de duas licenciandas do curso de Ciências Biológicas no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública estadual, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio. O foco é compreender de que modo o contato com a realidade escolar e com as demandas da educação inclusiva contribuiu para o amadurecimento das pibidianas, tanto no aspecto profissional quanto pessoal. Busca-se, ainda, discutir como as práticas desenvolvidas no ambiente escolar refletiram no processo formativo das licenciandas, deste modo, o presente relato também busca contribuir para o debate acerca da importância de formar professores empáticos e comprometidos com uma educação democrática.

METODOLOGIA

Este relato foi desenvolvido a partir de uma abordagem de cunho qualitativo e descritivo, com base nas observações, vivências, anotações, reflexões e no desenvolvimento das atividades construídas durante as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As bolsistas de graduação acompanharam as aulas de Ciências e Biologia ao longo do ano letivo, participando ativamente do planejamento, execução e avaliação das atividades pedagógicas, sempre sob a orientação do professor supervisor e da coordenação de núcleo. Este período de desenvolvimento de atividades e observações, ocorre desde novembro de 2024 no Colégio Estadual Cívico-Militar Padre Carlos Zelesny, em Ponta Grossa-PR, tendo previsão de ser concluída em outubro de 2026, ao final do programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento das atividades, observou-se que a turma acompanhada apresentava diferentes perfis, tanto em termos cognitivos quanto socioemocionais. Desse modo, ao observar os estudantes dessa turma específica, observou-se que cinco apresentavam algum transtorno da aprendizagem, incluindo deficiência intelectual, dificuldades de leitura,





escrita e dificuldades de comunicação verbal. Desses, somente dois recebiam acompanhamento sistemático do Atendimento Educacional Especializado (AEE), evidenciando a carência de recursos humanos e pedagógicos nas escolas. Essa realidade exigiu do grupo PIBID estratégias diferenciadas, a fim de garantir a inclusão efetiva no processo de aprendizagem do conteúdo da aula.

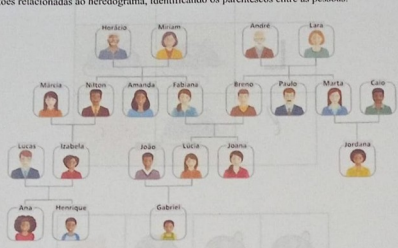
Mantoan (2015) destaca que a prática inclusiva não é uma tarefa isolada, mas um trabalho coletivo que envolve toda a comunidade escolar, sendo os professores, gestores e alunos da escola. As pibidianas vivenciaram esse contexto de inclusão ao observar que o sucesso das suas ações dependia da cooperação entre os diferentes atores da escola, então conforme estes ideais, em conjunto com o professor supervisor, entendeu-se que ao apresentar somente a teoria para essas crianças não é suficiente para que houvesse a compreensão efetiva. A partir da observação destes alunos e acompanhamento em sala de aula, foi desenvolvida uma sequência de atividades adaptadas sobre genética, tentando manter um meio-termo do que não se tornaria tedioso para estes dois alunos ou se poderia vir a se tornar um empecilho para os outros alunos.

Ao desenvolver e aplicar as atividades adaptadas apresentadas nas Figuras 1, 2 e 3, foi possível identificar quais estratégias favoreciam melhor o aprendizado e evolução destes alunos, observaram-se avanços na compreensão deles sobre o conteúdo que estava sendo apresentado na sala de aula. No mesmo momento que seus colegas neurotípicos (pessoas cujo desenvolvimento neurológico e processamento cerebral são considerados padrão pela sociedade). Encontravam-se resolvendo atividades não adaptadas sobre o conteúdo, os alunos com laudo, por sua vez, seguiam fazendo a resolução das atividades da aula com auxílio das Professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou de alguma das pibidianas presente em sala de aula. Felizmente mesmo aqueles que não recebiam o acompanhamento das professoras do AEE foram acolhidos pelas mesmas e conseguiram se desenvolver dentro das suas limitações, desenvolvimento esse que foi observado através da análise visual das atividades seguintes, todas respondidas com sucesso.







AVALIAÇÃO DE BIOLOGIA 3º Trimestre Data: 24/07/2025
 Professor(a): Márcio C. D. Cavagnari Turma: 2ºB Valor:
 Aluno(a): N.º: 3 Nota:

1. Observe a árvore genealógica ilustrada abaixo e, com base nas informações apresentadas, responda às questões relacionadas ao heredograma, identificando os parentescos entre as pessoas.



a) Quem é o pai de Ana? Lucas ✓
 b) Quem é a mãe de Gabriel? Lucia ✓
 c) Quem é o irmão da Amanda? Nilton ✓
 d) Quem é o pai de Joana? Breno ✓
 e) Quem é a mãe de Nilton? Marian ✓

2. A partir das últimas aulas sobre a 1ª Lei de Mendel, observe o cruzamento abaixo com ratos da pelagem cinza e amarela, sendo os de pelagem cinza os dominantes e os de pelagem amarela os recessivos. Em seguida no segundo quadro, com base nas informações da primeiro quadro determine o genótipo dos ratos e identifique se eles são puros (LL), híbridos (Ll) ou recessivo (ll).

	L	l
L		
l		





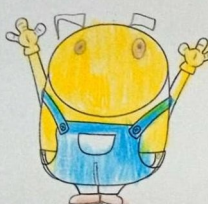
			
LL	Ll	Ll	ll

Figura 1: Atividade referente a aula de Heredograma e Primeira lei de Mendel.

Fonte: Autoria própria, 2025.

MÃE MINION



Característica:	Genótipo:	Fenótipo:
1. Número de olhos:	EE	2
2. Cor dos olhos:	BB	castanho
3. Cor da pele:	YY	amarela
4. Cabelo:	HH	Sem cabelo
5. Sardas:	FF	Sardas

Informação dos alelos das características Minion:
 E = 2 olhos - e = 1 olho
 B = olhos castanhos - b = olhos verdes
 Y = pele amarela - y = roxa
 H = Sem cabelo - h = Cabelo
 F = Sem sardas - f = sardas

COMO SERÁ O MINION BÊBÊ?

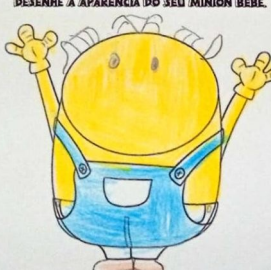
1. $\begin{matrix} E & e \\ E & E \\ E & E \end{matrix}$
 Número de olhos: 2

2. $\begin{matrix} B & b \\ B & BB \\ B & BB \end{matrix}$
 Cor dos olhos: castanho


3. $\begin{matrix} Y & y \\ Y & YY \\ Y & YY \end{matrix}$
 Cor da pele: amarela

4. $\begin{matrix} H & h \\ h & hh \\ h & hh \end{matrix}$ Cabelo
 5. $\begin{matrix} F & f \\ F & FF \\ F & FF \end{matrix}$ Sardas

DESENHE A APARÊNCIA DO SEU MINION BEBÊ.



PAI MINION




Característica:	Genótipo:	Fenótipo:
1. Número de olhos:	EE	2
2. Cor dos olhos:	BB	castanho
3. Cor da pele:	YY	amarela
4. Cabelo:	HH	Sem cabelo
5. Sardas:	FF	Sardas

Responda:
 a) O Minion bebê apresenta quais características dominantes e quais recessivas?
 b) Quais características no genótipo ele é homozigoto e quais ele é heterozigoto?

Figura 2: Atividade referente às aulas de Primeira e Segunda Lei de Mendel.

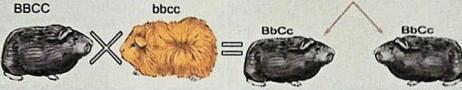
Fonte: Autoria própria, 2025.

	AValiação DE BIOLOGIA	3º Trimestre	Data: / /
	Professor(a): Márcio C. D. Cavagnari	Turma: 2º B	Valor:
	Aluno(a):	N.º:	Nota:

1. A partir das últimas aulas sobre a 2ª Lei de Mendel, observe o cruzamento abaixo entre os hamsters, observando as seguintes características:

Um hamster com pelagem preta (B) e curta (C), sendo estas características dominantes e homozigotos;
 Um hamster com pelagem amarela (b) e longa (c), sendo estas características recessivas e homozigotos.

Então o Hamster preto de pelo curto (BBCC) foi cruzado com um hamster amarelo de pelo longo (bbcc), resultando em dois Hamster Heterozigotos de pelagem preta e curta.



a) Na sequência foi realizado outro cruzamento só que desta vez entre os dois hamsters de pelagem preta e curta (BbCc), então identifique quais são os genótipos resultantes no cruzamento abaixo:

















	BC	Bc	bC	bc
BC				
Bc				
bC				
bc				

Figura 3: Atividade referente a aula da segunda lei de Mendel.

Fonte: Autoria própria, 2025.

Por fim, retoma-se o ponto central deste trabalho, destacando os aspectos que, na percepção das licenciandas, foram alcançados com sucesso, bem como as dificuldades encontradas ao longo do processo, claro dentro de certas limitações e considerando todo o contexto e também ressaltar as dificuldades encontradas durante este ano letivo. Apesar do crescimento social e profissional, ainda encontramos muitas dificuldades pessoais como a própria falta de preparo social e emocional, em muitos momentos que era solicitado o auxílio de uma das pibidianas, nestes momentos não havia a compreensão como agir, no que ajudar e como realizar esta ajuda. Dentro destes momentos deveríamos lidar com o emocional desta criança e aprender a lidar com estas situações e ainda enfrentando a falta de recursos pedagógicos, falta de apoio que eles enfrentam em outras situações e outras matérias, situações estas que acarretam na sobrecarga em toda sua vida escolar.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência foi desenvolvido durante a participação no programa PIBID, mostrando a importância de projetos e ações que incentivem a docência durante a graduação, especialmente aqueles que promovem a prática no contexto escolar, especialmente em escolas públicas. Nesse contexto, o licenciando se depara com realidades diversas, que o levam a compreender os desafios da educação pública e qual o seu papel em desenvolver a inclusão no ambiente escolar.

O processo de observações e intervenções realizadas ao longo deste período de atuação, permitiram constatar e debater muitos pontos como a educação inclusiva exige do educador muito mais do que se aprende durante a graduação. O desenvolvimento de aulas inclusivas sempre enfrentará muitos desafios, especialmente quando ao se buscar estratégias para que assim consiga alcançar todos os estudantes e encontrar um meio-termo. Estes momentos demandam da capacidade de adaptação metodológica por parte do docente, enfrentando todas as dificuldades que ainda se fazem presentes nas escolas públicas. Dentre as dificuldades já citadas é válido destacar que a falta do preparo de muitos profissionais da educação também se torna um empecilho no aprendizado da criança, a mesma que também em sua maioria enfrentará o descaso por parte do abandono parental, afetando tanto o aluno quanto o educador ou acompanhante.

Tais limitações, por outro lado, de certa forma contribuíram para o desenvolvimento profissional das licenciandas, que ao enfrentar estes desafios desenvolveram a autonomia, capacidade reflexiva e criatividade diante das situações desafiadoras. As atividades planejadas e adaptadas de forma colaborativa entre as bolsistas e o professor supervisor, contando com o apoio das Professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para a participação dos alunos na resolução das mesmas, assim contribuindo para o aprendizado dos alunos. Sendo assim, quando analisamos as dificuldades destes alunos, entendemos o que se torna vantajoso aplicar para o crescimento deles, conseqüentemente contribuirmos para o nosso próprio crescimento como licenciandas.

Em suma, o PIBID se mostra um programa de grande importância como um instrumento de interseção entre a graduação e atuação em sala de aula, mostrando-se muito efetivo na consolidação da identidade docente, pautada na diversidade. Este relato reforça a





importância da formação docente direcionada para a valorização das diferentes metodologias, construção de práticas pedagógicas e formação continuada, para garantir que a aprendizagem seja um ato unânime e não de segregação.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela oportunidade concedido através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ao professor supervisor do Colégio Estadual Cívico-Militar Padre Carlos Zelesny e a professora coordenadora do nosso núcleo do PIBID-PG que se faz sempre presente nesta trajetória.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39–40. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/publicacoes-secretarias/semesp/diretrizes-nacionais-para-a-educacao-especial-na-educacao-basica>. Acesso em: 11 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 11 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

CARVALHO, Rosita. **Educação Inclusiva com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 176 p.

CASTRO, Paula Almeida de; ALVES, Cleidiane de Oliveira Sousa. **Formação Docente E Práticas Pedagógicas Inclusivas**. E-Mosaicos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 16, p. 3–25, 2019. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38786. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/38786>. Acesso em: 15 out. 2025.





ESTEF, S.; GLAT, R. **Avaliação flexibilizada para alunos com necessidades educacionais especiais: uma prática pedagógica inclusiva.** Olhar de Professor, v. 24, p. 1–13, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.19708.096. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/19708>. Acesso em: 11 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista. **A escola que queremos para todos.** v. 22, p. 1-96, Editora CRV, 2022. DOI: 10.24824/9786525130323.3.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer?** 4. ed. São Paulo: Summus, 2015.

